

Artigos

I - QUINHENTOS ANOS DE SOFRIMENTO, MIL ANOS DE ESPERANÇA

Com as mãos nas comportas do final do século e a ponto de desaguar no próximo milênio, não podemos, como os moluscos, nos ocultar nas fendas das rochas, esperando que o oceano da história bata nas nossas costas. Ao assinalar no calendário os quinhentos anos de descobrimento, pelos europeus, do continente, hoje conhecido como América, o simples ato de olhar para a ponta de nossa caneta, nos proporciona uma boa idéia do quanto a humanidade, desde a ótica técnico-científica, tem avançado durante este período. Para os povos Ameríndios são quinhentos anos de morte e sofrimento. Tributo duro que um continente vem pagando para financiar o desenvolvimento de outro. Devemos fazer em tempo uma correção, troquemos o "mare nostrum" pelo "Atlântico Norte", na atualidade o europeu representa mais que um continente, é um modo de ser e pensar. Se cabe esperar alguma coisa, esperamos que "a tristeza e a alegria floresçam uma da outra", como quer Ortega e Gasset. A nossa vontade firma-se na decisão de entrar no próximo milênio abraçados com todos os oprimidos da terra e banhados com a luz da esperança, cantar com Mercedes Sosa, "Dale tu mano al indio, dale que te hará bien".

Os índios Amazônicos não conheciam a propriedade privada; já os marinheiros das Caravelas achavam que a propriedade particular era natural. Deus assim o queria. A Europa estava saindo de uma economia agrícola de subsistência de caráter fechado, para uma economia burguesa, aberta e de livre câmbio. Escasseava a moeda e a corrida competitiva se acirrava em torno dos metais preciosos. Era o período do mercantilismo, ou o capitalismo em estado fetal. No medievo o que dava sentido à vida era o "teocentrismo", na era moderna o "plutocentrismo" tornou-se o umbigo do universo. Antes algumas imagens de santos eram douradas, agora o ouro é a imagem da santidade. A perspectiva do velho mundo se impôs ao modo de viver de novo; com ela os continentes ficaram mais cheios de coisas e mais pobres de humanidade. O cultivo da superficialidade da matéria secou a profundidade da realidade humana. Matéria é a tradução escolástica de (ilê), que também tem o significado de madeira, bosque, lenha. O mundo sem Deus é simplesmente matéria, e a matéria é a madeira com que se faz a cruz do pobre. A filosofia terá de fazer um esforço, caso queira ajudar a remover as estruturas de dominação, por recuperar a dimensão do absoluto. A religião, quando verdadeira, não é o "ópio do povo" e sim sua mística, sua força. A distorção é o pecado contra o Espírito Santo. Matéria sem espírito - coisa - assemelha-se a um entardecer de sexta-feira santa na qual sente-se a presença oculta da opressão. Desde que Nietzsche decretou a morte de Deus o mundo vem se sentindo desencantado. O homem transformou-se em ponte para o super-homem, que por sua vez é inimigo dos débeis. Seu fim é a vitória e, seguramente, a vitória será o seu fim. A distinção entre o bem e o mal está escorada no contraforte do êxito, e o êxito do liberalismo parece evidente(?). Em sua expressão tardia ele se denomina capitalismo. De caput, cabeça, referência a racionalidade, de cuja morte, como se semente fecunda, nasce o capitalismo, a irracionalidade. Quando Werner Sombart usou essa palavra pela primeira vez, deveu achar que o mundo tinha perdido definitivamente a cabeça e mergulhado por inteiro no espírito de Dionísio, desta forma, o homem renuncia a ser o Rei da Criação, como quer o livro do Gênesis. Na sua bebedeira nem mesmo quis honrar seu antepassado - o gorila - como propunha o filósofo de Röcken, para elevar esta maneira decadente de viver ocidental. A "árvore da ciência do bem e do mal" fez deslocar o centro de gravidade do "antropocentrismo" para o "Treecentrismo" ou simplesmente "cientificismo"; de cujas ramas se esperava que brotasse a maçã redentora, afinal engasgada na epiglote de to-

dos os que esperam a salvação. Talvez, em outra centúria, um dia, com a ponta do olho virada para a ironia, os filhos de Noé, com perdão do neoliberalismo, rirão da nudez de seu pai. Toda estrutura econômico-política em que seu sistema endocrínico não derrame hormônios de humanidade na corrente sanguínea do corpo social, com pedido de desculpas para Maquiavel, ela é irracional. Isto caso se parta do pressuposto de que a vida humana representa um modo superior de ser. Se considerarmos com Kant o homem um "fim em si mesmo", então parece-nos imoral transformar o sangue humano em ração e moeda para engordar e comprar as coisas. Como diz Carlos Díaz, "Mientras las cosas tienen precio, las personas ponen precio porque valen, de ahí que ellas sean la medida y lo mensurante, no lo medido". Na sua reunião os sete Grandes, no Olimpo da Inglaterra, terra de deuses, parecem não ter, ainda, compreendido isto. Ficarão para o próximo ano(?). Eles decidiram, com solenidade litúrgica, prosseguir no rito da imolação do pobre. Mas,

"Sin el amor que encanta,
la soledad del ermitaño espanta,
pero es mas espantoso todavía,
la soledad de dos em compañía" (**Campoamor**)

Nesta conferência foi destinada uma dotação econômica para ajudar a preservar a floresta amazônica; e o homem amazônico? Como afirma Carlos Díaz "no hay ecología sin personocentrismo". Ah, as coisas! Elas não teriam esse nome se o homem não tivesse inteligência. A nova ordem mundial colocada na ponta do farol para justificar a guerra do Golfo Pérsico, parece obedecer mais a uma questão semântica do que a uma mudança real. Variam os matizes, a opressão continua. O destino do homem prometico, de tomar em conta a história recente, é a de ser roído em suas entranhas pela neurose de sempre querer mais, sem nunca se encontrar.

Hoje se oprime em nome da "ordem, do progresso e da democracia"; ontem se fazia o mesmo em nome de Deus. O catolicismo português, na época do descobrimento do Brasil, estava centrado na figura do rei. Quem não era batizado não era português, desta maneira, o batismo não só fazia filhos de Deus, mas também súditos da coroa.

No México, os espanhóis viveram uma noite triste; os povos ameríndios estão vivendo a tristeza de uma noite que dura quinhentos anos. Quanta dor e morte estão estocadas nos sótãos da riqueza e da modernidade! Estes povos pertencem agora à categoria dos empobrecidos, com certeza também a dos Bem-aventurados.

Em "O tempo e o vento", Érico Veríssimo nos mostra como os índios das américas garantiram um lugar na história através da mestiçagem. Isso é importante, não o suficiente. Em nosso estado existem diversas tribos: seu futuro, se não de ter algum, deverá escorregar alguns pontos para além da miscigenação firmando a identidade de cada nação. Hoje corremos o risco de transformá-los em uma espécie de dinossauros a serem estudados dentro de alguns séculos pelos paleontólogos. A vida, segundo a máxima evangélica, não se preserva guardando-a, mas doando-a. Vida doada, transformada; ela será uma imensa riqueza cultural para o nosso país. Estes povos foram assaltados no seu êxodo e eles perderam as condições de prosseguir na sua caminhada humana. Eles precisam ser reconhecidos como sujeitos e dotados do instrumental adequado para poder correr atrás do tempo. Este apoio tem um nome: educação. Ela deverá ser tal que preserve suas tradições, seus costumes e suas características étnicas, possibilitando-lhes, ao tempo, entrar na modernidade. A sobrevivência cultural exige que esta seja constantemente revista, assumida e vivenciada a partir da própria raça, desde que a raça não espelhe unicamente alguma modificação no osso occipital e seja algo mais que uma simples pigmentação cutânea. Caso a raça exprima também um modo de ser, uma hermenêutica do mundo, então a raça arrasta pela história nossa possibilidade e nossa

limitação. O ostracismo significou uma espécie de condenação à morte, daí que as possibilidades e limitações de cada povo deverão ser colocadas em relação para que mutuamente se fecundem. Esta problemática foi percebida, faz tempo, com nitidez, pelos próprios índios, como nos mostra o mito de Aukê da tribo Tambira, quando se apresentou o dilema de ter de escolher entre a flecha e a espingarda. A eleição recai na flecha, naquilo que eles sempre foram, na sua tradição, no seu modo de entender o mundo. A espingarda representa o mundo do branco e o que mais o caracteriza: a ciência e a técnica. O casamento destas duas cosmovisões tem os seus impedimentos. Com as devidas dispensas, as núpcias trarão para uns, novos saberes e para outros, mais humanidade. O mito de Gô-noêno-hôdi, desliza pelo mesmo córrego, mas assinalando uma nova experiência; a liberdade não mais circula pela larga estrada do nomadismo - os Hebreus condenaram a Cain - mas pelo cultivo da roça sob as bênçãos da técnica. O matrimônio será difícil enquanto continuarmos a acreditar com Heráclito que "a guerra é o pai de tudo, de tudo é rei, a uns faz aparecer como deuses, a outros como homens, a uns torna escravos, a outros livres". Carlos Diaz em seu livro "Al sur", oferece-nos algumas informações que podem, para além das declarações oficiais, desvelar a presença do espírito Heraclítico na nossa época: "el cabeza de familia de los países industrializados trabaja una semana e media al año para sufragar los gastos de sus fuerzas armadas, y solo cuatro minutos por la paz internacional". Todavia, "el gasto militar mundial por soldado es de 20.000 dólares/año, e menos de 40 dólares/año el de educación/niño". Assim sendo urge ajudar a criar nestes povos uma cultura de resistência, na defesa apaixonada do que eles são, querem e podem ser. O fortalecimento e dinamização de sua cultura passa pelo estreito caminho de eles reencontrarem um novo sentido para a sua vida, "o homem não teme o sofrimento, mas a sua falta de sentido" (Nietzsche); sentido que se foi pelo escotilha sob o impacto colonizador do branco. O evangelho ensina que "a verdade vos tornará livres". O carinho pelo saber há de ser a lente que lhes ajude a descobrir os laços opressivos e a encontrar os caminhos de libertação. Este êxodo exige uma mística - os Hebreus precisaram da fé para conquistar a terra prometida.

Consideramos a vida, em todas as suas manifestações, como o valor primeiro; dela não excluimos a morte como elemento fecundante, por isso nos repugna a moral do êxito, defendido pelo pragmatismo como protovalor. Atrás desse ajardinado existem muitos cadáveres, suas flores cheiram à podridão. Putrefação sem esperança. Consideramos com o professor Calor Diaz, como categoria fundante, o "rosto do outro". Se elevarmos este princípio ético de relação intersubjetiva a uma certa ordem matemática, diríamos que o Primeiro Mundo deveria se olhar no Terceiro, no rosto da criança de rua, do bóia fria, do negro, do índio... "No cabe mirar con ódio un espejo (entonces se le destroza porque no se le aguanta...), por el contrario, sólo una mirada dulcificadora que desea reconciliación aguanta asimismo el espejo...". O espelho exige o ato de ver; os países industrializados, como enormes Polifemos, possuem um único olho e este somente enxerga riqueza, não humanidade, embaçando a imagem reflexa do espelho. Como José Maria Vegas afirmamos que apenas o objetivismo moral fundado no valor universal da pessoa, presente em cada um dos homens, pode garantir o direito à diferença e à igualdade.

Esperamos o dia - e ele chegará - em que o brilhante sol de algum domingo de páscoa, removida a pesada pedra da opressão, com os anjos zeladores de humanidade, sentados à entrada do sepulcro, cavados por todos os materialismos desespiritualizados

e por todos os espiritualismos desencarnados, anunciando aos aflitos e aos sedentos de liberdade, por que buscais entre os mortos aquele que vive? Quando os oprimidos - em manhã de ressurreição - descobrirem que não estão sós e que podem acreditar em si mesmos, em suas possibilidades, e perceberem que todos somos iguais, por fraternos, e co-responsáveis, e perceberem que todos somos iguais, por fraternos, e co-responsáveis, por humanos, terá - nesse dia - principiado o milênio da esperança.

Leopoldo Jesus Fernández González